

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EAD EDUCAÇÃO JESUÍTICA:
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE.**

LETICIA DE PAULA WITER MENDONÇA

**A TRANSIÇÃO DOS ALUNOS DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Juiz de Fora

2018

LETICIA DE PAULA WITER MENDONÇA

**A TRANSIÇÃO DOS ALUNOS DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES AOS OLHOS DOS PROFESSORES**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica, pelo Curso de Especialização EAD Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rafael Dias da Silva

Juiz de Fora

2018

A TRANSIÇÃO DOS ALUNOS DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES AOS OLHOS DOS PROFESSORES

Leticia de P. W. Mendonça*

Roberto Rafael Dias da Silva**

Resumo: O artigo em questão aborda os desafios e possibilidades da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental aos olhos dos professores. Nessa transição são identificadas algumas mudanças que podem ocasionar modificações comportamentais de cunho cognitivo, psicológico e emocional. Tais alterações ocorrem pelo fato do aluno estar habituado a uma determinada dinâmica em sua vida escolar, e quando ela é alterada, o mesmo se sente perdido diante de tantas novidades. Para tanto, foi aplicado um questionário para os professores do sexto ano, buscando um melhor conhecimento sobre os desafios vivenciados nessa transição. Além do questionário foram consultados o Projeto Educativo Comum e o Projeto Político Pedagógico do Colégio dos Jesuítas. Para auxiliar no aprimoramento e na elaboração de novas estratégias e planejamento para a naturalização dessa transição foi utilizada a Pedagogia Inaciana como base teórica. Os resultados obtidos com a realização deste trabalho indicaram a preocupação e o interesse dos professores em minimizar essa problemática, que ocorre neste momento de transição dos alunos do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Pedagogia Inaciana; Transição; Avaliação; Registro.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de observações, vivências e experiências no 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio dos Jesuítas situado em Juiz de Fora – MG. Percebendo a necessidade de se realizar um estudo para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas que consigam amenizar dificuldades que podem aparecer na transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental.

Este tema foi escolhido como instrumento de pesquisa com o intuito de favorecer as ações de planejamento integrado entre as coordenações e professores

* Mestre em Educação. Atualmente leciona e exerce tutoria no Colégio dos Jesuítas – JF/MG. leticiawiter@gmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2011). Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2005). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – robertods@unisinis.br

do 5º e 6º ano do EF, fortalecendo o regime colaborativo na educação e dando continuidade à formação integral do aluno.

O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. Portanto, entendemos que refletir a respeito dessa fase de transição que o aluno passa seja essencial para que o professor possa garantir um trabalho de qualidade e com resultados.

Conforme a PEC nº 40 (2016), toda a ação educativa converge para a formação da pessoa, sendo necessário para tanto o reconhecimento das potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões: afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica.

Nesta perspectiva, o eixo central desse estudo visa contemplar uma transição harmônica entre o 5º e o 6º ano do Ensino Fundamenta, oportunizando a continuidade do processo educacional com êxito, de maneira a contribuir para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, comprometidos e criativos.

Para atingir o objetivo do presente artigo, a Pedagogia Inaciana foi utilizada como base para a fundamentação teórica, além do Projeto Educativo Comum (PEC) e Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio dos Jesuítas. Também foram consultadas literaturas que abordavam sobre o tema em questão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A aprendizagem da criança começa muito antes de seu ingresso na escola, pois desde o primeiro dia de vida ela já vivencia os elementos da cultura, a presença de outro indivíduo, que se torna o mediador entre ela e a cultura.

De acordo com Bock, (2002, p.101):

Para Piaget, o desenvolvimento humano é dividido em períodos de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento que por sua vez, interfere no desenvolvimento global. São eles: 1º Sensório-motor (0 a 2 anos), 2º Pré-operatório (2 a 7 anos), 3º Operações concretas (7 a 12 anos), 4º Operações formais (12 anos em diante).Cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias. Todos passam por todas essas fases ou períodos, nessa sequência, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais sociais.

Dessa forma podemos considerar que cada ser é único e com tempo indeterminado para amadurecer dentro de cada fase citada.

Em 2006, a partir da Lei nº 11.274/06 o ensino fundamental passou a ser ofertado obrigatoriamente em nove anos de duração ao invés de oito anos. O Ministério da Educação (MEC) determina que aos seis anos de idade, a criança esteja no primeiro ano do ensino fundamental e termine essa etapa de escolarização aos 14 anos. Essa determinação teve a intenção de implementar uma política pública afirmativa de equidade social.

De acordo com Silva e Cafiero (2011, apud PNE, 2004, p.3):

(...) a inclusão das crianças de seis anos de idade tem duas intenções: "oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade" (2004, p. 3).

Ainda de acordo com Silva e Cafiero (2011), um maior tempo de convívio escolar, significa ofertar maiores oportunidades de aprender com a possibilidade de um aumento das chances de continuidade dessas crianças em seus estudos. Além desses motivos, espera-se também que, com mais tempo para aprender, possa haver o respeito aos diferentes tempos, ritmos e formas de aprender dos alunos.

Nesse sentido, o Parecer CNE/CEB nº. 11, de 2010, em seu § 1º, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos. Ele determina que o sistema de ensino ou escolas diante do uso de sua autonomia na escolha entre regime seriado ou série, deverá considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos. (ARELARO; JACOMINI; KLEIN; 2011, apud Brasil, 2010).

Nesse contexto, a meta de se alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade pode ser considerado um avanço na educação, mas por outro pode levar a uma desconsideração às necessidades, especificidades e singularidades de cada criança. Desconsiderando como cada criança se relaciona com o mundo e se apropria da cultura socialmente produzida (ARELARO; JACOMINI; KLEIN; 2011).

Com base na PEC 36(2016), o principal sujeito da aprendizagem é o aluno. Sendo assim, nada mais importante e necessário, entender e saber como auxilia-los nas transformações ocorridas no colégio por fatores externos (determinações legislativas) e suas consequências em relação aos conflitos existentes na transição do 5º ano para o 6º ano do EF.

Essa transição é marcada por uma ruptura de paradigmas, ou seja, por mudanças muito significativas na vida do aluno. Neste momento, o aluno sai de um sistema de ensino e inicia praticamente do zero uma nova vida escolar onde precisa desenvolver mais autonomia.

Além das modificações biológicas e físicas dos alunos, podemos citar algumas das principais mudanças dessa transição:

- No 5º ano do EF, os alunos eram os mais velhos e ao chegarem ao 6º ano do EF eles são os mais jovens deste novo ambiente, iniciando dessa maneira o caminho em busca da maturidade;
- Disciplinas demarcadas por horários definidos e rotatividade de professores.
- Espaços e ritmos de estudo diferentes;
- Maior quantidade e diversidade de disciplinas e de avaliações;

Neste novo contexto escolar o aluno se depara com a fragmentação do conhecimento apresentado a ele anteriormente. Com o intuito de preencher essa lacuna de uma forma mais natural possível, a interdisciplinaridade auxilia na “construção de pontes” capazes de comunicar os conhecimentos de cada disciplina promovendo uma compreensão crítica das diversas dimensões da mesma realidade.

Pedagogia Inaciana

A pedagogia Inaciana é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento dos seus alunos. Partindo do princípio de que a pedagogia é uma arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia.

Nesse sentido, deve ser incluída à metodologia uma perspectiva do mundo e visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Dessa forma conseguimos identificar o objetivo fim para o qual se orientam os diversos aspectos de uma tradição educativa, além de definir os critérios para seleção dos recursos a serem usados no processo da educação.

De acordo com PPP (2017), a Pedagogia Inaciana assume a visão do mundo ideal com base nas características da Educação da Companhia de Jesus, avançando com os valores inacianos, integrando o processo de ensino-aprendizagem e promovendo uma aprendizagem que transcende “os muros do Colégio”.

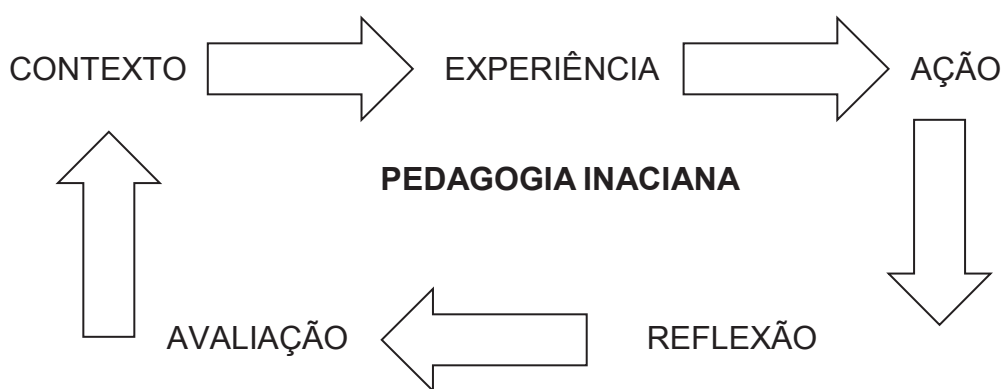
Essa transcendência permite a formação integral do aluno, traduzindo o valor do aprendizado ao longo da vida possibilitando o desenvolvimento dos talentos individuais e coletivos, formando cidadãos competentes, conscientes, compassivos, comprometidos e criativos, com um projeto de vida consistente.

Dimensões da Pedagogia Inaciana

A Pedagogia Inaciana oferece ao professor diversos caminhos pelos quais podem acompanhar o aluno. Facilita a aprendizagem através do despertar da capacidade intrínseca de ultrapassar a teoria, conduzindo o aluno à prática eficaz, no sentido de provocar mudanças.

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) é o caminho que conduz para a concretização da Pedagogia Inaciana. É composto pelas dimensões: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Essas dimensões se integram de tal forma que se afetam mutuamente e interagem durante todo o processo, promovendo um crescimento e afetando sempre, de alguma forma, a realidade envolvida.

Figura 1 – Paradigma Inaciano



Fonte: elaborado pela autora

Contexto:

A atenção pessoal e a preocupação pelo aluno é um distintivo da educação jesuítica. Por isso é necessário que o professor conheça a realidade do aluno, incluindo as formas pelas quais a família, os amigos, os colegas, a cultura e seus costumes, as pressões sociais, a vida escolar, a política, a economia, os meios de comunicação social, a arte, a música, a religião e outras realidades têm impacto sobre esse mundo e afetam bem ou mal o aluno. Uma vez que o ponto de partida da pedagogia inaciana nunca se produz no vazio.

Nesse sentido, o PPP (2017) orienta que o professor se questione a cada ação educativa, a cada escolha de conteúdo e procedimentos sobre:

- O que precisamos saber sobre os alunos para os ensinarmos bem?
- O que os alunos sentem?
- O que os alunos pensam?
- Que ideias trazem consigo?
- Como é a vida dos alunos?
- O que eles já sabem sobre a matéria?

Experiência:

A experiência inaciana vai além da compreensão puramente intelectual. Além do conhecimento de fatos, princípios e conceitos, o envolvimento mediante a imaginação e os sentimentos dá sentido ao aprendizado levando a reações de caráter afetivo com relação ao que se conhece e movendo o aluno a agir.

Conforme o PPP (2017), a experiência humana pode ser:

- a) Direta: no contexto acadêmico se apresenta nas relações interpessoais tais como conversas ou debates, descobertas no laboratório, trabalhos de campo, práticas de assistência social, atividades sólidas de acordo com cada projeto pedagógico ou outras experiências semelhantes.
- b) Indireta: no contexto acadêmico a experiência direta nem sempre é possível. Em seu lugar, a aprendizagem se consegue com frequência através de experiências indiretas, lendo ou ouvindo uma leitura, por meio de simulações e dramatizações, utilizando materiais audiovisuais, etc.

Assim, ao começar a matéria, o professor pode perceber frequentemente quanto os sentimentos dos alunos os ajudam a crescer. Pois é muito difícil que um

aluno entre em contato com uma novidade no estudo sem relacioná-la com os conhecimentos anteriores. Esse crescimento leva a uma compreensão plena, que pode modificar ou transformar os conhecimentos que ele pensava já possuir satisfatoriamente.

Reflexão:

Ao chegar nessa etapa, se traz à tona o sentido da experiência, ou seja, o aluno se utiliza da memória, do entendimento, da imaginação e dos sentimentos para captar o significado e o valor essencial do que está sendo estudado. Aqui, cabe ao professor formular perguntas que ampliem a sensibilidade do aluno e o façam considerar e respeitar o ponto de vista dos outros.

O PPP(2017, p.07), considera que dentro do processo de reflexão existem duas operações fundamentais, entender e julgar:

Entender é descobrir o significado da experiência, estabelecer as relações entre os dados vistos, ouvidos, tocados, cheirados, etc. É o *insight* que ilumina o que se apresentava em penumbras na percepção sensível. É o que permite ao sujeito conceituar, formular hipóteses, conjecturar, elaborar teorias, dar definições. Julgar (verificar) é emitir um juízo, verificar a adequação entre o entendimento e o experimentado, entre a hipótese formulada e os dados apresentados pelos sentidos. A reflexão coletiva dá possibilidade de reforçar, desafiar e estimular a reconsideração, permitindo uma maior segurança na ação que vai se realizar e a oportunidade de crescer em comunidade.

A reflexão pode ser coletiva ou individual, no entanto, o compartilhamento das reflexões tanto pelo aluno quanto pelo professor possibilitam ainda mais o crescimento intelectual e humano.

Ação:

De acordo com o PPI, a reflexão pedagógica inaciana seria um processo inacabado se terminasse na compreensão e nas reações afetivas, ou seja, a reflexão só faz crescer e amadurecer, quando resulta em decisão e compromisso. Sendo assim, a palavra ação refere-se ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem como na sua manifestação externa.

Avaliação:

Na Pedagogia Inaciana ,a avaliação tem um papel que vai além de afirmar ou não o domínio sobre um conteúdo,visa a formação do aluno como um todo.

O PPP (2017, p.08) determina que:

Através da avaliação se torna possível a revisão da totalidade do processo pedagógico empreendido ao longo de cada um dos passos do PPI, para verificar e ponderar em que medida foi realizada e, por outro lado, em que grau foram alcançados os objetivos perseguidos , em termos de mudança e transformação pessoal, institucional e social.

O papel do professor nessa transição à luz da Pedagogia Inaciana

Para que o aluno consiga “caminhar” pelo conhecimento, necessário se faz a presença do professor, pois ele criará as condições, lançará os fundamentos, proporcionará as oportunidades para que o aluno possa ter um relacionamento contínuo e significativo com o saber.

Sendo assim, o professor deve ter habilidades de liderança suficientes para entusiasmar os alunos no processo da aprendizagem de forma cooperativa e colaborativa com os demais educadores transpondo a ruptura entre os anos escolares.

Considerando a diversidade de estilos e ritmos de aprendizagem que nos deparamos, o professor deve estar sempre atento na preparação dos planos de aula, nas aulas e na seleção e organização dos materiais utilizados para propor e avaliar as aprendizagens (PEC38, p.47, 2016).

A organização do professor deve favorecer aos estudantes no contato, na apropriação, na formulação e na reformulação em relação ao conhecimento, atuando sempre de forma a proporcionar uma efetiva aprendizagem e o desenvolvimento contínuo de habilidades e competências em prol da autonomia do aluno (PEC 42, p.49, 2016).

Nutrir o gosto pelo conhecimento, dispondo de meios para atualização constante, buscando aprimorar sua formação acadêmica e sua prática pedagógica são qualidades essenciais para o professor frente às tecnologias digitais que vêm alterando a vida em sociedade de forma rápida e contínua.

Nesse sentido a PEC27 (2016) afirma que há uma necessidade permanente de reformulação do ambiente escolar e de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas.

Para que essas mudanças e reformulações sejam possíveis, o registro de atividades, avaliações, acompanhamento individualizado do aluno, desempenho acadêmico são necessários para gerar informações retroalimentando pesquisas e estudos para a qualificação dos processos de ensino-aprendizagem-avaliação e na comunicação com alunos e famílias.

De acordo com a Pedagogia Inaciana, o professor cria as condições para que os alunos recolham e recordem os dados da própria experiência, e selecionem o que consideram relevante para o tema que estão tratando, sobre fatos, sentimentos, valores, introspecções e intuições.

Nesse sentido, o PPP (2017, p.09) prevê a dinâmica na sala de aula das seguintes ações personalizadas:

- ✓ Preleção: preparar os alunos para a atividade pessoal que realizarão. Contextualizar, motivar, iniciar a experiência, aprender.
- ✓ Repetição: ajuda a esclarecer o momento da aprendizagem que se está vivendo e aprofunda a assimilação do aprendido. Retomar o tema em estudo recuperando aqueles pontos que produziram maior satisfação ou insatisfação.
- ✓ Ritmo de trabalho personalizado: mapas conceituais, programações, projetos, problematização do conteúdo ou do assunto – facilitadores para a construção do conhecimento com a participação e o compromisso de todos.
- ✓ Orientação: transmite informações relevantes sobre o seu conteúdo e direciona os alunos a fontes diversificadas de acesso a mais informações sobre o tema.
- ✓ Metas: orienta os alunos para que alcancem os objetivos propostos.
- ✓ Partilha: cria condições para que os alunos partilhem as suas experiências de aprendizagem.
- ✓ Instrução: instrui os alunos sobre as atividades específicas a serem realizadas (trabalhos, pesquisas, etc.)
- ✓ Conduta: com seu exemplo e com as orientações normativas, modela atitudes e condutas dos seus alunos.
- ✓ *Feedback*: oferece o retorno sobre o processo de aprendizagem de cada aluno.
- ✓ Avaliação: utiliza diversos métodos e instrumentos de avaliação permitindo que os alunos avaliem, junto com o professor, o alcance dos objetivos propostos.

3 MATERIAL(IS) E MÉTODOS

Para a produção da presente pesquisa foram consultados o Projeto Educativo Comum e o Projeto Político Pedagógico do Colégio dos Jesuítas, estudos realizados

sobre de autores sobre o tema. Além de um comparativo de gráficos dos resultados do rendimento acadêmico dos alunos do 5º, 6º e 7º ano do EF fornecidos pela coordenação do 6º ano, bem como a aplicação de um questionário direcionado à coordenação e aos professores do 6º ano EFII.

A referida pesquisa ocorreu durante o primeiro trimestre de 2018 no Colégio dos Jesuítas situado na cidade de Juiz de Fora – MG, através de observações no comportamento e desempenho acadêmico dos alunos e na didática dos professores do 6º ano EFII. A partir dessas observações, constatamos a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre essa fase de transição dos alunos e da elaboração de um projeto capaz de aprimorar as estratégias utilizadas pela coordenação e professores no ambiente escolar.

A partir dos dados da pesquisa, será possível elaborar material de apoio para ser utilizado no trabalho da coordenação junto aos professores do 6º ano, conjuntamente com as orientações da PEC 2016 e os aspectos teóricos sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental II.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa oportunizou a análise, reflexão e discussão das dificuldades enfrentadas pelos alunos na transição do 5º ano para o 6º ano do EF aos olhos dos professores do 6º ano no Colégio dos Jesuítas.

Os professores que participaram da pesquisa relataram que ao responderem às perguntas, se deparavam com a memória de vários momentos vivenciados no primeiro trimestre do corrente ano letivo e que se sentiam motivados a responderem e a participarem com a expectativa de novas propostas para auxiliá-los nessa transição.

O questionário era composto com as seguintes perguntas:

- 1) Qual(ais) a(s) maior(es) dificuldades do aluno, no seu ponto de vista, ao ingressar no 6º ano do EFII?
- 2) Existe algum trabalho desenvolvido para acolher os alunos na transição entre o 5º ano e o 6º ano do EFII?
- 3) Durante a elaboração do planejamento do 6º ano, quais estratégias são utilizadas para que o aluno consiga se adaptar às modificações que ocorrem na transição do 5º ano para o 6º ano do EFII?

As repostas ao questionamento de nº 1 responderam:

- mudança de turno;
- maior quantidade de professores;
- mudança de turno e tempo de aula;
- aumento no número de disciplinas;
- diferentes tipos de didáticas utilizadas por cada professor;
- mudanças biológicas do aluno;
- ausência da família por acreditar que o aluno já consegue caminhar sozinho

nos estudos;

Com relação ao questionamento de nº 2 responderam:

- Ao final do 5º ano os professores do 6º ano se apresentam para os alunos;
- As coordenações do 5º ano e 6º ano se comunicam e passam informações

sobre os alunos;

- No conselho de classe de final de ano, os professores do 6º ano são convocados e recebem informações dos professores e coordenação sobre os alunos que iram ingressar no 6º ano do EF.

E finalmente, ao questionamento de nº 3 responderam:

- A acolhida e feita de forma individual e sem ser padronizada;
- Aumento gradativo das dificuldades das disciplinas;
- Cada professor cria com a participação dos alunos suas regras em sala;
- Conversa com os alunos como parte da elaboração do planejamento de

aula;

- Durante a elaboração do planejamento é levado em conta o momento de transição que estão vivendo;

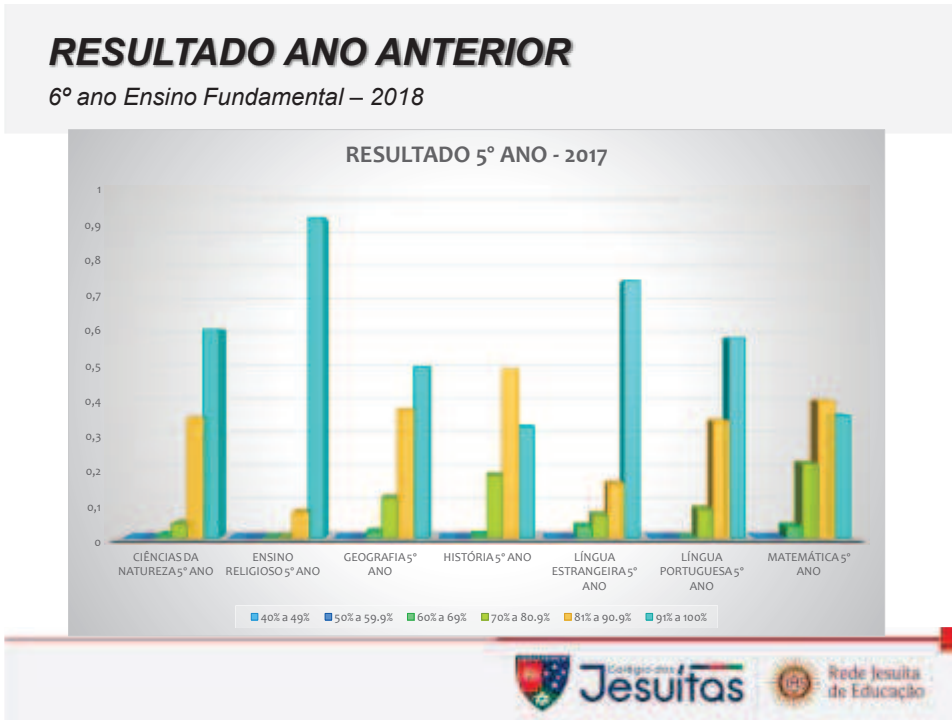
- Acompanhamento da coordenação durante o planejamento;

Os professores participantes, após responderem ao questionário relataram que este momento foi uma oportunidade de reflexão sobre o fazer pedagógico, bem como a compreensão e entendimento sobre este período de transição pelo qual o aluno está vivenciando, também a busca de alternativas para superação mútua dessa fase de mudança e autoafirmação do alunado, tanto física como emocional.

Para enriquecer a pesquisa e auxiliar nos estudos sobre as dificuldades que os alunos precisam superar nessa transição, a coordenação do 6º ano contribuiu com três gráficos que retratam o desempenho acadêmico dos alunos que estão

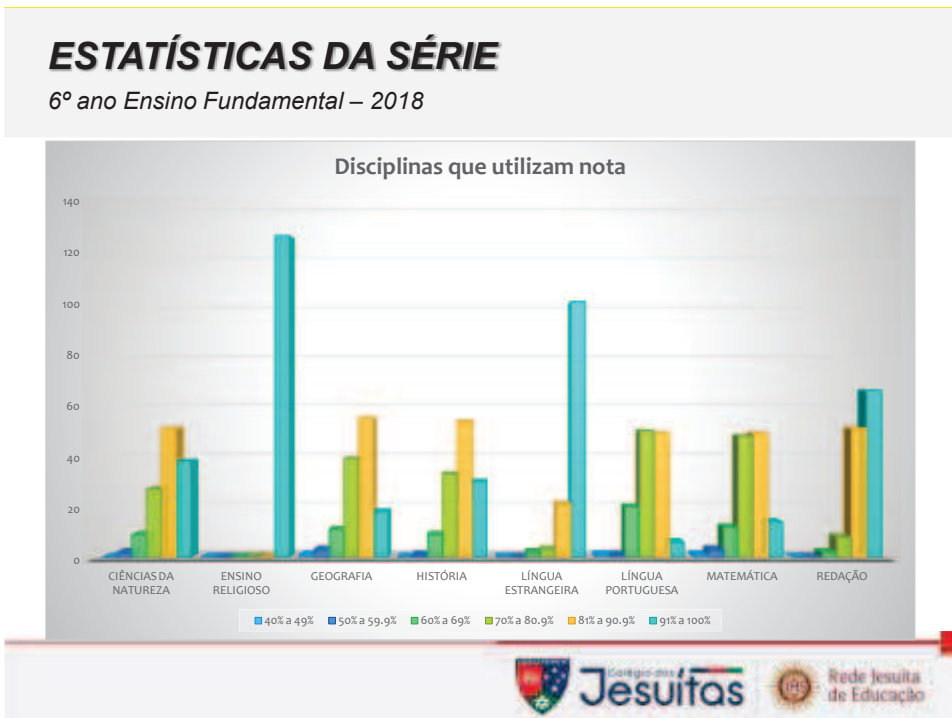
cursando o 6º ano do EF no presente ano e no ano passado em que cursavam o 5º ano do EF.

Gráfico 1 – Desempenho acadêmico dos alunos no 5º ano EF.



Fonte: Coordenação 6º ano do EF do Colégio dos Jesuítas

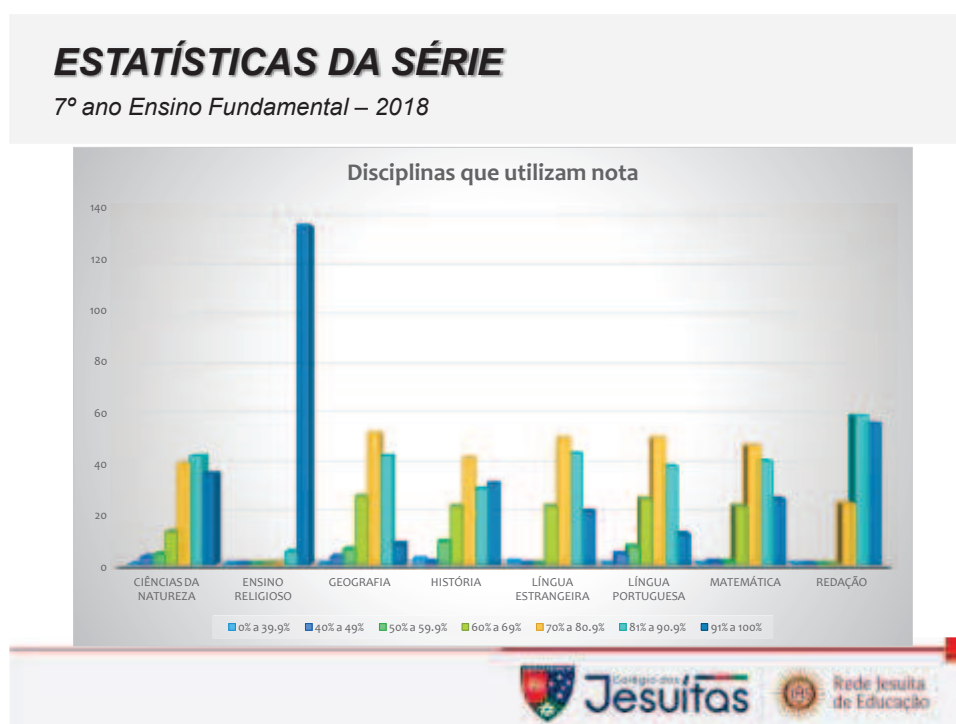
Gráfico 1 - Desempenho acadêmico dos alunos no 6º ano EF.



Fonte: Coordenação 6º ano do EF do Colégio dos Jesuítas

A partir dos gráficos 1 e 2 podemos perceber nitidamente a diminuição do rendimento acadêmico dos alunos que variavam entre 91% a 100% e o aumento do rendimento entre 50% a 59,9%, 60% a 69%, 70% a 80,9% e 81% a 90,9% na maioria das disciplinas quando o aluno passa para o 6º ano do EF.

Gráfico 2 - Desempenho acadêmico dos alunos no 7º ano EF.



Fonte: Coordenação 6º ano do EF do Colégio dos Jesuítas

Os gráficos acima foram apresentados pelo coordenador do 6º e 7º ano aos professores na última formação permanente anterior ao recesso escolar do mês de julho/2018.

Durante a apresentação, os professores levantaram a seguinte questão:

- Esses números retratam a necessidade de modificação/aprimoramento na dinâmica, metodologia e avaliação no 6º ou no 5º ano do EF?

Esse questionamento foi feito a partir do gráfico que demonstra o rendimento acadêmico dos alunos que estão no 7º ano, uma vez que a diferença nas porcentagens é bastante semelhante ao 6º ano, ou seja, a variação da média se torna mais estável com relação a comparação do 5º para o 6º ano do EF.

Esses registros realizados demonstram o quanto são importantes para o aprimoramento das práticas pedagógicas, dos planejamentos e das estratégias utilizadas pelos professores e coordenadores. Nesse sentido, a PEC47 (2016) sinaliza: “Os dados registros acadêmicos são usados para gerar informação sobre o desempenho de professor e aluno, retroalimentando a ambos no desafio da qualificação dos processos de ensino-aprendizagem-avaliação e na comunicação com alunos e famílias”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é a base de uma sociedade e, assim como ela, precisa acompanhar suas transformações que são afetadas ao longo dos anos por diversos fatores culturais internos e externos. Para que isso seja possível necessário se faz refletir sobre as práticas pedagógicas utilizadas e suas consequências na formação do aluno.

Durante a vida escolar do aluno, observamos sua adaptação e evolução ao longo de sua jornada acadêmica. No entanto, a fase de transição do 5º para o 6º ano do EF chama a atenção devido aos vários fatores que interferem nesse processo.

Sendo assim, a atuação dos professores e coordenadores nessa fase é primordial para a elaboração de ações no ambiente pedagógico capazes de atenuar esse momento de mudança, proporcionando um aprendizado de qualidade e significativo.

Com a realização dos estudos que compuseram a presente pesquisa, evidenciou-se a preocupação quanto ao ingresso dos alunos no 6º ano do EF. Apesar de algumas ações serem realizadas para se naturalizar essa passagem, os professores do 6º ano relataram haver a necessidade de aprimoramento das práticas já existentes e da implantação de novas estratégias que contribuam para o desenvolvimento do aluno como um todo.

A participação nessa pesquisa, segundo os professores, foi um momento de refletir sobre sua prática pedagógica e buscar subsídios teóricos e práticos para a melhoria de seu trabalho de maneira a auxiliar os alunos nesse momento de transição. A consciência de que não se pode mais fazer mais do mesmo é primordial para que essa mudança seja possível.

A aplicação da proposta pedagógica ignaciana na reformulação e no planejamento dessas novas estratégias é fundamental para que se tenha êxito.

O Paradigma Pedagógico Ignaciano personaliza o ensino, induzindo os alunos a refletir sobre o conteúdo trabalhado e o significado do que estão estudando. A motivação envolve os participantes no processo de aprendizagem e faz com que eles fiquem ativos e críticos.

O trabalho interdisciplinar proporciona uma maior interação entre alunos, professores e também no convívio grupal. Partindo deste princípio é importante, repensar essa metodologia como uma maneira de possibilitar a união escolar e contribuir com a adaptação auxiliando na formação de indivíduos sociais. Neste contexto a função da interdisciplinaridade é mostrar aos alunos a conexão/ligação de uma disciplina com a outra, ou seja, possibilidades diferentes de olhar um mesmo assunto ou fato.

A presente pesquisa não exaure a questão estudada, ao contrário, possibilita e fomenta um novo olhar sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do EF. Possibilitou um conhecimento mais sistematizado sobre a temática aqui abordada, bem como sua importância para o aprimoramento do processo ensino e aprendizagem.

**UNIVERSITY OF RIO DOS SINOS - UNISINOS
ACADEMIC RESEARCH AND POST-GRADUATION UNIT
COURSE OF SPECIALIZATION IN EAD JESUIT EDUCATION: INTEGRAL
LEARNING, SUBJECT AND CONTEMPORANEITY.**

Abstract: The article in question addresses the challenges and possibilities of the transition from the fifth to the sixth grade of primary education in the eyes of teachers. In this transition are identified some changes that can cause behavioral modifications of cognitive, psychological and emotional. Such changes occur because the student is accustomed to a certain dynamics in his school life, and when it is changed, the same feels lost in the face of so many new things. For this, a questionnaire was applied to the teachers of the sixth year, seeking a better knowledge about the challenges experienced in this transition. In addition to the questionnaire, the Common Educational Project and the Pedagogical Political Project of the Jesuit College were consulted. In order to aid in the improvement and the elaboration of new strategies and planning for the naturalization of this transition was used the Ignatian Pedagogy as theoretical basis. The results obtained with the accomplishment of this work indicated the concern and the interest of the teachers in minimizing this problematic, that occurs in this moment of transition of the students of the fifth to the sixth year of Elementary School.

Keywords: Pedagogy Ignatia; Transition; Evaluation; Record.

REFERÊNCIAS

- ARELARO, Lisete Regina Gomes; JACOMINI, Márcia Aparecida; KLEIN, Sylvie Bonifácio. O ensino fundamental de nove anos e o direito à educação. *Educ. Pesqui.* vol.37 no.1 São Paulo Jan./Abr. 2011.
- BATISTA, João. A arte de formar-se. São Paulo, 2001.
- BATISTA, João. Características da Educação da Campanha de Jesus. São Paulo, 1991.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação*. Brasília, DF: INEP, 2001.
- FLACH, Simone de Fátima. Ensino fundamental no Brasil: previsões legais e ações governamentais para a ampliação do atendimento, da duração e do tempo escolar. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* vol.23 no.88 Rio de Janeiro Jul/Set. 2015.
- FLUENTES, José Luis. *Pedagogia Inaciana – uma visão sintética*. Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1999.
- KLEIN, Luiz Fernando. *Jesuíta e Pedagogia Inaciana*. Loyola, São Paulo, 2015.
- Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão*. Brasília, DF, 2016.
- PEC – Projeto Educativo Comum. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2016.
- PPP – Projeto Político Pedagógico. Juiz de Fora. Colégio dos Jesuítas, 2017.
- SILVA, Ceris Salete Ribas da; CAFIERO, Delaine. Implicações das políticas educacionais no contexto do ensino fundamental de nove anos. *Educ. rev.* vol.27 no.2 Belo Horizonte Aug. 2011.